

## CRÍTICA / TEATRO / RUTH &amp; LÉA

# Se todos fossem iguais a vocês

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Existe um passado apagado no Brasil. O descobrimento, a independência, a abolição, as ditas “revoluções”. Mas é um passado que, como um fantasma meio zumbi, exige coragem para ser encarado, pois é incapaz de morrer. Os artistas negros, especialmente nas artes cênicas, vêm de longe — talentos antes isolados, mas cujos legados permanecem vivos até hoje, surpreendendo-nos com a seguinte pergunta: como não percebemos antes?



Divulgação

**Bárbara e Ivy têm atuações de profunda humanidade**

Assim, a peça “Ruth & Léa” é um encontro emocionante entre o passado e o presente da dramaturgia negra brasileira, conduzido com inventividade, talento e total maestria pelo diretor Luiz Antonio Pilar, verdadeiro artesão das imagens e da arte da representação, que constrói uma narrativa em que passado, presente, depoimentos e atuação das atrizes se entrelaçam sem dramas excessivos ou exageros, dando vida à história que não foi contada.

O texto, sensível e certo, assinado por Dione Carlos, mergulha nas memórias de Ruth de Souza e Léa Garcia com poesia, afeto e dignidade. Mais do que uma biografia dramatizada, o espetáculo é um tributo vivo e pulsante à resistência, ao talento e à representatividade de duas artistas que abriram caminhos em meio a tantos silêncios históricos.

As atrizes Bárbara Reis e Ivy Souza entregam atuações de profunda humanidade, construindo em cena uma conexão que ultra-

passa o tempo e os personagens. A química entre elas emociona e sustenta a narrativa com delicadeza e força. Elas interpretam não apenas Ruth e Léa, mas também uma linhagem inteira de mulheres negras que marcaram a arte brasileira. A construção das personagens é tão verdadeira que o público se sente parte do processo. É uma entrega que não grita, mas reverbera fundo, como um sussurro cheio de história.

Pilar, no entanto, não se compromete apenas com uma causa. Seu compromisso é com a memória coletiva, que não se resume a Ruth e Léa. Figuras históricas como Abdias do Nascimento, Mercedes Baptista e Aguinaldo Camargo retornam ao presente em fotos, filmes, vozes e textos. A peça ensina sem ser didática, sem recorrer à dor como ferramenta principal.

## SERVIÇO

### RUTH & LÉA

Teatro Glaucio Gil (Praça Cardeal Arcoverde s/nº, Copacabana)

Até 28/7, sábado a segunda (20h)

Ingressos: R\$ 60, R\$ 30 (meia) e R\$ 20 (vale cultura e passaporte cultural)

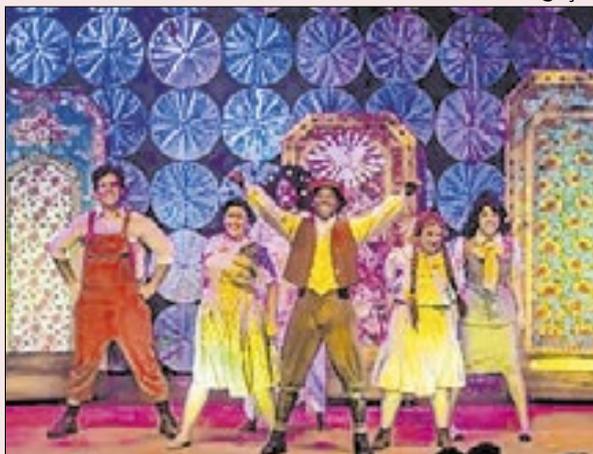
## NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

### O pequeno Bituca

O musical infantil “Bituca – Milton Nascimento para Crianças” encerra temporada neste domingo (27) no Teatro Clara Nunes, no Shopping da Gávea. A peça aborda a adoção e os desafios de inserção de uma criança negra em ambiente branco, inspirada na vida do cantor. Com texto de Pedro Henrique Lopes e direção de Diego Moraes, integra o projeto “Grandes Músicos para Pequenos”. O espetáculo recebeu sete indicações ao Prêmio CBTIJ 2017, incluindo Melhor Espetáculo e Melhor Roteiro Original.

Divulgação



Divulgação



### Celebração maia

A Grande Companhia Brasileira de Mistérios e Novidades celebra o “Dia fora do Tempo” do calendário maia nesta sexta-feira (25), a partir das 18h. O cortejo que une teatro e música sai da rua Pedro Ernesto até a Praça da Harmonia, na Gamboa, região da Pequena África. O evento reúne atores, músicos e brincantes em pernas de pau para celebrar a data que marca a suspensão temporal entre o fim e início do ano maia. A apresentação promete arte e cultura em homenagem aos encontros e tradições ancestrais no coração histórico carioca.

Renato Domingos/ @sobre.renato



### Ecos do preconceito

O ator e encenador Clayton Nascimento apresenta o monólogo “Macacos” no Teatro Nova Iguazu Petrobras neste sábado e domingo (26 e 27). Escrita em formato curto em 2015, o espetáculo foi sendo aumentado e foi montado em festivais no Brasil e no exterior. O solo aborda o racismo cotidiano através do relato de um homem negro que busca respostas para o preconceito. A dramaturgia foi inspirada no caso do goleiro Aranha, ofendido por torcedores em 2014. A peça conecta histórias de artistas negros como Elza Soares e Machado de Assis com dados sobre violência racial.